

# EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.18222/ee.v27i66.4373>

Indicadores são instrumentos importantes para o planejamento, o monitoramento e a avaliação de políticas, programas, processos e quaisquer outros tipos de iniciativas empreendidas pelo poder público nas diversas áreas e instâncias de governo. No Brasil, seu uso é relativamente recente, em especial nas políticas sociais. Na educação, nos últimos anos, foi produzido um conjunto de indicadores que ocuparam um papel de destaque nas políticas públicas do país, principalmente, o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e o CPC (Conceito Preliminar de Curso) e demais indicadores da educação superior. Nesse período, diversos outros indicadores educacionais vêm sendo desenvolvidos, tais como aqueles relativos à infraestrutura, ao custo da educação por aluno, à adequação da formação de professores, entre outros fatores. Todos eles têm atraído atenção da comunidade educacional e também da sociedade de uma forma mais ampla, especialmente por sua exposição na mídia.

O desenvolvimento de indicadores como instrumento para a gestão de políticas públicas, no entanto, não é tarefa simples. Envolve um conjunto amplo de questões conceituais, técnicas e políticas, as quais vão desde a clareza e a compreensão do que se pretende medir até a análise de seus propósitos e possíveis usos pelos atores envolvidos, passando pela escolha dos procedimentos metodológicos que apresentam melhores condições de atender aos objetivos pretendidos. Ainda assim, como ocorre com qualquer iniciativa no âmbito das políticas públicas, quando postos em prática, os indicadores suscitam uma série de desafios não previstos. Nesse contexto, os pesquisadores têm o papel importante de avaliar os impactos do uso dos indicadores, mas também de questionar e analisar todos os aspectos que envolvem os conceitos e

métodos escolhidos para construir esses instrumentos, de modo a contribuir para que se avance na produção e utilização de indicadores na área.

Este número temático de *Estudos em Avaliação Educacional* é composto por uma variedade de artigos que se propõem a contribuir para a discussão acerca dos indicadores educacionais no Brasil em diversos aspectos e sob diferentes pontos de vista.

O primeiro artigo traz uma proposta que contribui para um debate mais amplo sobre a utilização de indicadores sociais. Nele, Paulo de Martino Jannuzzi apresenta uma abordagem sistêmica de avaliação de políticas e programas sociais e discute a necessidade da produção de indicadores específicos para as diferentes etapas da implementação e para a avaliação dos componentes dessas políticas e programas, utilizando como caso a avaliação sistêmica do Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego).

Mais especificamente no campo da educação, tanto o Ideb como os indicadores da educação superior, como o CPC, adquiriram um papel central nas políticas públicas. Eles são utilizados não somente para o monitoramento e a avaliação dos sistemas, mas também como subsídio para a tomada de decisão em relação a diversas ações do Ministério da Educação, o que torna ainda mais relevante e complexa a discussão em torno deles.

O artigo de Camila Yuri Santana Ikuta apresenta uma revisão da literatura sobre os principais debates a respeito do CPC, o indicador oficial de qualidade da educação superior para os cursos de graduação no país. São apresentados questionamentos acerca de diversos aspectos do indicador, tais como a formulação, padronização e o peso de seus componentes; a alta participação dos discentes na nota final; a aplicação de um mesmo indicador para instituições e cursos considerados muito heterogêneos e o seu uso para a dispensa automática das avaliações presenciais dos cursos.

Luís Antônio Fajardo Pontes e Tufi Machado Soares dão um passo a mais nessa direção e, além de questionarem alguns aspectos relativos às metas do Ideb, propõem uma nova metodologia para o cálculo dessas metas. Essa proposta é baseada no ajuste de um modelo longitudinal linear hierárquico que

tem a escola como nível de interesse e leva em conta seu índice socioeconômico médio dessas escolas, bem como o histórico de seus resultados de fluxo e desempenho.

Assim como os dois últimos trabalhos descritos, Mara Regina Lemes De Sordi, Sara Brada de Oliveira, Margarida Montejano da Silva, Regiane Helena Bertagna e Adilson Dalben também discutem a produção de indicadores que pretendem avaliar sistemas e unidades educacionais como um todo. No entanto, esses autores se contrapõem ao uso de indicadores uni ou bidimensionais, propondo um modelo de avaliação de larga escala multidimensional referenciado na qualidade social da escola pública, produzido a partir de um instrumento respondido por professores de uma rede municipal.

Ainda em se tratando de indicadores referentes a resultados educacionais, são apresentados dois artigos que direcionam seu foco a fatores que, embora façam parte do debate educacional, merecem receber maior atenção na formulação e implementação de indicadores. Um deles é o trabalho de Ricardo Ferreira Vitelli e Rosangela Fritsch, que traz uma revisão bibliográfica sobre as diferentes concepções e usos de indicadores para avaliar o fenômeno da evasão escolar na educação superior no Brasil. O outro é o estudo de José Francisco Soares e Victor Maia Senna Delgado, que introduz um indicador de desigualdade educacional, definido como a distância entre a distribuição ideal de desempenho e a observada em um dado grupo de estudantes, apresentando o tamanho das desigualdades no ensino fundamental brasileiro, medidas a partir desse indicador.

Mas os indicadores propostos e analisados neste número não estão somente relacionados aos resultados educacionais: insumos e processos cruciais para a qualidade da educação ofertada também são alvos dos debates aqui apresentados. Bruno Tovar Falciano, Edson Cordeiro dos Santos e Maria Fernanda Rezende Nunes propõem indicadores para avaliar e comparar a qualidade da infraestrutura de instituições de educação infantil, a partir de dois municípios brasileiros. Dalila Andrade Oliveira e Edmilson Antonio Pereira Junior, por sua vez, apontam indicadores que representam diversos aspectos do trabalho docente na educação básica e analisam

suas associações, buscando contribuir para uma melhor compreensão do contexto dos profissionais nas escolas.

Além de apresentar indicadores referentes a insumos e processos, dois trabalhos se propõem a analisar a associação desses indicadores com os resultados educacionais. Daniel Abud Seabra Matos e Erica Castilho Rodrigues buscam avaliar a probabilidade de as escolas atingirem a meta do Ideb 2013, dadas características como infraestrutura, nível socioeconômico dos alunos e formação dos seus professores, entre outros fatores. Indicadores que sintetizam dimensões complexas das escolas, a intervenção para a melhoria e o currículo na escola foram as opções trazidas por Maria Teresa Gonzaga Alves e Flavia Pereira Xavier. As autoras utilizaram os indicadores propostos para analisar o aprendizado dos alunos das escolas públicas de ensino fundamental e para testar hipóteses sobre desigualdades entre alunos com e sem atraso escolar.

Mais um artigo neste número tem como foco os docentes. Nesse caso, a proposta do trabalho de Rachel Pereira Rabelo e Suzana Marta Cavenaghi não envolve apenas um indicador, mas uma metodologia de uso dos dados longitudinais dos Censos da Educação Básica e da Superior para o cálculo de vários indicadores que permitem traçar um panorama sobre a formação de docentes para a educação básica no Brasil.

Por fim, este número de *Estudos em Avaliação Educacional* traz em destaque uma entrevista com o professor Reynaldo Fernandes, presidente do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) entre os anos de 2005 e 2009, período no qual trabalhou na criação do Ideb e do conjunto de indicadores da educação superior brasileira. Nessa entrevista, são discutidas as opções metodológicas adotadas na construção de indicadores educacionais, suas motivações e propósitos, bem como seus usos e desdobramentos. São destacados, ainda, os avanços já alcançados e os desafios atuais em termos do desenvolvimento e uso de indicadores educacionais no Brasil, assim como as discussões recentes da literatura internacional sobre o tema.

Boa leitura!

*Comitê Editorial*